

# Livraria 107 vai ser recordada amanhã durante a



Isabel Castanheira quando dirigia um estabelecimento que era muito mais do que uma livraria

Amanhã, sábado, pelas 17h00, Isabel Castanheira vai dar a conhecer, no CCC, o seu livro "As Caldas de Bordalo". Dele fazem parte as crónicas que a livreira publicou ao longo de quase uma década na *Gazeta das Caldas* e que reflectem a sua incansável investigação em torno da figura de Bordalo Pinheiro. A obra vai ser apresentada por Carlos Querido e João Paulo Cotrim e conta com actuação dos grupos caldensem Jogralesca e Coral das Caldas da Rainha. Esta será também a oportunidade para recordar a Livraria 107, um autêntico polo cultural da cidade que através da autora trouxe às Caldas da Rainha grandes escritores nacionais e do mundo lusófono.

Foi em 2005 que se lançaram à terra as sementes que permitiram o surgimento de "As Caldas da Bordalo". Foi nesse ano que se assinalou o centenário da morte de Rafael Bordalo Pinheiro, o mote que levou a livreira Isabel Castanheira a lançar o desafio à *Gazeta das Caldas* de publicar as suas crónicas. Estas refletem tudo o que encontrou sobre a vida de Bordalo Pinheiro durante o tempo em que este viveu nas Caldas onde possuía a sua fábrica de cerâmica.

Os textos que agora fazem parte desta obra foram editados neste semanário entre 2005 e 2014. Ao longo dos anos, as crónicas bordalianas foram sendo uma presença assídua, ainda que irregular. "A partir de uma certa altura, até por insistência de amigos, surgiu a ideia de editar este conjunto de crónicas", disse Isabel Castanheira. Entre elas conta-se Carlos Querido, igualmente colaborador deste semanário, que falou a João Paulo Cotrim (editor da *Abysmo* e da *Arranha-céus*), que se prontificou a dar à estampa esta aventura bordaliana, passada nas Caldas da Rainha.

Satisfeita com a possibilidade de editar o conjunto de crónicas, Isabel Castanheira estava ainda longe de saber que o seu suposto "livro sim-

ple" se iria transformar numa obra com centenas de páginas, profusamente ilustradas. O livro é constituído por 89 passos (reflexões sobre a presença bordaliana na cidade) e 10 pausas no caminho, que correspondem a textos de autores contemporâneos que se referem a Bordalo. E um livro que é dedicado ao grande caricaturista português e, como tal, "tinha que ser acompanhado por uma peça de cerâmica", disse a autora que convidou Carlos Constantino (caricaturista contemporâneo e um dos autores da coleção da *Gazeta*) para fazer um retrato do artista, que pode ser adquirido com o livro.

Foi a própria autora que sugeriu ao editor que fosse o designer gráfico Miguel Macedo a ocupar da paginação da obra. A parceria correu tão bem que a obra foi tomado volume até ficar com 320 páginas e mais de 400 imagens. "Tornámo-nos co-autores do livro. Foi um casamento feliz pois, respeitando a grafia que existia no século XIX, Miguel Macedo conseguiu modernizá-la e tornar um livro num objecto muito bonito", disse a autora.

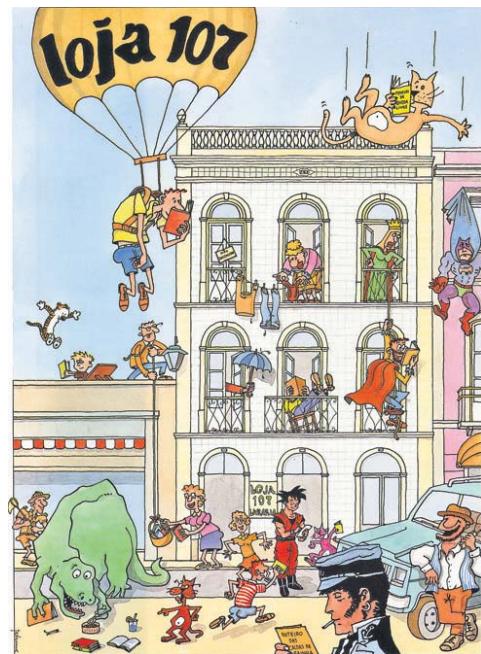
Isabel Castanheira fez ainda a ressalva de que há textos que se reportam à realidade de 2005 e, por isso, "há coisas

## que já não existem ou que foram alteradas".

E a que se referem as crónicas desta autora? "Aos locais que Rafael Bordalo Pinheiro desenhou, criticou, ou por onde simplesmente passou", disse a autora, ressaltando que algumas histórias se reportam às realidades vividas entre 1890 e 1900 sendo, por isso, imaginadas. Um exemplo é o texto em que a autora se imagina a conversar com o próprio Bordalo Pinheiro junto à sua estátua, no Parque D. Carlos I, a propósito de gatos, já que ambos são amantes daqueles felinos. Isabel Castanheira afirma mesmo que é "uma parente afastada do Bordalo Pinheiro pois os meus gatos são descendentes do gato Pires, fiel companheiro do artista que viveu na fábrica caldense".

Além do texto e das imagens, há outros pormenores interessantes no livro como é o caso de uma árvore genealógica do artista e também referências a um livro de exames da Escola Comercial e Industrial onde Bordalo chegou a assinar notas dos alunos. "Não há uma página do livro que não tenha pelo menos uma ou duas imagens", contou a autora.

Natacha Narciso  
nnarciso@gazetacaldas.com



## Conto contigo, Isabel!

José Ricardo Nunes

As Isabel e a 107 estão para sempre ligadas. Ao meu gosto pelos livros e pela literatura. Foi lá que adquiri aquelas obras que se lêem aos vinte anos e que nos acompanham para sempre. Boa parte da minha formação literária deve-se à Isabel e à 107. E fui sempre voltando. Tenho muitas marcas da 107 – marcas na vida e marcas de livros (não se pode dobrar as folhas dos livros, não é, Isabel?).

A cidade e nós devemos-lhe a Livraria, a 107, e uma imensa actividade cultural. Trouxe tantos e tão importantes autores às Caldas da Rainha. Os livros e os escritores entravam-nos em casa por essa porta. Em conjunto organizámos uma semana de formação em torno da Poesia Portuguesa Contemporânea (lembra-te, Isabel, na Associação Comercial?).

Um dia (veja-se ao que isto chega...) roubaram-me os dois volumes da edição da Ática do Livro do Desassossego. Como é um dos meus livros favoritos, fiquei mesmo triste. Contei a história à Isabel. E ela, de surpresa, ofereceu-me dois exemplares que conseguiu arranjar do editor.

Sempre tive da Isabel palavras de estímulo, de apreço, de reconhecimento. Apesar de não gostar de poesia. Ajudou-me sempre apresentação dos meus livros. Da última vez, já só ela, imprimiu juntos um poema. E sei que da próxima estará de novo ao meu lado. Conto contigo, Isabel!

## Segurar os livros

José Luís Peixoto

Embrou-me de entrar na livraria da senhora Isabel Castanheira.

Há pessoas que seguram os livros com total consciência da sua delicadeza. Admiro essas pessoas, gosto de ouvi-las, embora eu, também rodeado, não seja capaz do mesmo zelo.

Em livrarias de prateleiras organizadas por ordem alfabética, pergunto-me se estes livros aqui guardarão rancor pelo caos a que os obrigo.

As vezes, escolho dois ou três e levo-os a dar uma volta ao mundo. Habitados à luz desta cama, acredito que essa montanha-russa lhes arregale os olhos.

Regressam estrangeirados, a falarem com sotaque. Se tiverem sorte, trazem as capas mais ou menos dobradas. Só por grande casualidade ocuparão o lugar que tinham antes.

Imagino o que contam aos que não saíram daqui. Quase de certeza que esse relato lhes aumenta a ansiedade. Quando me aproximo, os aventureiros desejam que o meu braço se estenda na sua direção e, com muita probabilidade, haverão outros agarreados ao que conhecem, com medo de amplitudes térmicas desconhecidas.

Eu olho por eles, eles olham por mim. O tempo continua. Sei que têm memória e, quando não estiver cá, espero que não esqueçam o quanto dependi deles. Pertenço-lhes mais do que eles me pertencem a mim.

## Uma amizade cimentada por Bordalo

Miguel Macedo, 39 anos, é designer gráfico e docente na ESAD. Já tinha sido o responsável gráfico, em conjunto com os seus alunos, de um suplemento sobre os 135 anos do Zé Povinho (editado pela *Gazeta* em Junho de 2010), também em colaboração com este semanário.

Muitos dos trabalhos que desenvolve como freelancer acabaram por chegar à sala de aula e é assim que os alunos contactam com o que se faz no mundo do trabalho do design gráfico actual.

Ao todo, o designer dedicou

nove meses de trabalho na paginação deste livro, que vai dar que falar nas futuras aulas, pois permite que os alunos "sintam todo o processo que é necessário para criar um livro".

Sobre a parceria com Isabel Castanheira, o designer explica que a sua ligação à Livraria 107 é muito antiga pois foi um dos vencedores de um concurso de BD ali promovido. "O meu trabalho esteve emoldurado durante anos na livraria", disse o autor sobre a obra que fez quando era adolescente.

"Agora há uma amizade,

cimentada por causa de Rafael Bordalo Pinheiro", disse Miguel Macedo, que considera "As Caldas de Bordalo" como o maior e mais exigente livro que paginou até agora.

O designer referiu que Ricardo Santos, também docente da ESAD, cedeu os tipos de letra que foram usados nesta obra, cujo arranjo se baseia nas ideias gráficas do jornal António Maria, uma das edições do século XIX de Rafael Bordalo Pinheiro.

N.N.

# apresentação do livro “As Caldas de Bordalo”

## Isabel Castanheira, Caso e Símbolo

Lídia Jorge

A última vez que entrei na Loja 107 havia uma pilha de livros equilibrada carregada de livros, sendo que essa pirâmide ocupava por sua vez o centro de um espaço feito de estantes forradas de livros. A livreira aproximou-se da pilha mal equilibrada e falou com entusiasmo da chegada em força de um escritor proveniente do Japão. Era a manifestação da sua descoberta da altura, Haruki Murakami, e o livro que Isabel Castanheira achava imprescindível naqueles dias que corriam, era “Kafka à Beira-mar”. Então foi buscar os outros títulos que tinha do mesmo autor e colocou-os ao alto, sobre a pilha que mal se empinava sobre a outra pilha, e esta sobre uma outra que ocupava todo o expositor. Mas quem ali estava sabia que semelhante amor por Murakami não era único. A sua fidelidade a livros e autores não tinha a ver com a fidelidade comum, feita de um para um. No seu coração, como no coração de todos os grandes leitores, quanto mais fiel se é a um autor, mais se ama outros e outros. A prova é que naquele fim de dia de uma Primavera tardia, a livreira ainda tinha presente a visita recente de alguns autores portugueses à sua loja de livros. À direita de quem entrava, a meio da estante, encostado às lombadas, lá se encontrava um cartaz com a fotografia de Lobo Antunes que por ali havia passado pouco tempo antes. Desse autor também tinha uma pilha sobre outra pilha, e falava dos despojos dessa visita com a vivacidade de quem, além dos livros, sabe que os autores podem trazer atrás de si, um universo da fantasia que dá para alimentar a vida de quem gosta de livros, durante anos inteiros. Isabel Castanheira conhecia o conteúdo dos livros bem como o percurso de quem os havia feito chegar até si. Os leitores chegavam e ela gritava a partir da caixa registadora – “Venha cá. Tenho aqui um livro mesmo bom para si!”

Mas já então a caixa registadora era uma máquina avariada. O ofício começava a deixar de se compaginar com a missão. A eficácia do presente já não passava pelos mesmos ingredientes que haviam conduzido ao sucesso das duas décadas anteriores. A qualidade já tinha passado a ser apenas um superávit em relação à lógica do best-seller. O suporte do papel começava a consentir a explosão da banalidade. Das bancas de jornais já tinham desparecido os jornais, escondidos agora lá no fundo dos quiosques, para darem lugar às revistas de intriga mundana, com histórias de sofrimentos ilustradas por caras a rir em estado de euforia. A tão celebrada desmaterialização dos livros já tinha começado a materializar-se e bem, nas páginas coloridas das fotonovelas das vidas íntimas. Isabel Castanheira ainda não tinha a certeza, mas já receava o futuro, quando falámos por esses dias. Creio que foi há dez anos. Percebia-se então que iria acontecer uma mudança em ritmo galopante, e é nele que estamos. Não há força que resista. O que persiste, então? Isabel Castanheira fechou a Loja 107, mas não fechou o seu amor pelos livros. Em algum lugar ela está connosco, ela sabe que faz parte de uma seita indestrutível, mesmo que o futuro seja incerto, e os meios sejam outros e os seus efeitos ainda incalculáveis. Seja como for, Isabel Castanheira está com os livros literários, ela é uma das nossas fiéis companheiras. Em nome de todas as livrarias que fecharam, como a sua, o melhor que podemos fazer é acreditar na renovação dos meios, e que alguém possa abrir a porta de uma outra Loja 107, em nome daquela que fechou. E a isso se chame futuro, e Isabel Castanheira e a sua família, no meio da nossa seita, que perdurará, ainda que de outro modo, continuem a ser no mundo dos livros um caso e um símbolo.

## Isabel, a Livreira

Jaime Rocha

Isabel Castanheira é para mim, a livreira. Livreira no sentido mais abrangente e exaltante que esta palavra pode ter: a paixão pelos livros, a admiração pelos autores, a simpatia e paciência com os clientes-leitores, a tertuliana, a amiga.

A sua livraria – a 107 – nas Caldas da Rainha, hoje uma loja igual a tantas outras, marca uma época de explosão do livro, mas também de liberdade e de convívio. O seu empenho em iniciativas paralelas à venda de livros como foram os encontros com escritores no café do parque, em que participei com todo o gosto, testemunhava a enorme vitalidade que transformava um ofício numa arte.

A população das Caldas, à exceção de alguns amigos, não soube dar-lhe o valor e não percebeu a importância que a 107 e a Isabel tinham e deviam continuar a ter. Penso que não foram apenas a crise económica e a concorrência avassaladora (feiras, supermercados, saldos) que contribuíram para o fecho da livraria. Foi também a acomodação e a insensibilidade com que todos nós lidamos, no nosso dia-a-dia, face à realidade dos livros e dos livreiros.

É mais prático comprar um livro numa Fnac ou num centro comercial em Lisboa ou no Porto, recebendo a ninharia de uns 10 por cento de desconto ou de pontos para futuras compras, do que fazê-lo na livraria da vila ou da cidade onde vive. Vai tudo por atacado: açúcar, leite, bolachas, café, batatas e, já agora, um livro que esteja na moda. E muita gente vai ganhando o vício de esperar pela Feira do Livro de Lisboa, que favorece apenas os editores, em vez de ir comprando ao longo do ano nas livrarias.

Também nesta atitude se manifesta uma apatia, um deixar andar, um desinteresse cada vez maior pela cultura, uma ausência de solidariedade gritante, uma demissão perante o momento que se está a viver em Portugal. Estamos a deixar-nos vencer, a deixar-nos agarrar por uma mão negra, a deixar-nos aprisionar pela nossa própria inéria. Não podemos culpar um regime como fazímos antigamente. Somos livres. Mas não agimos. Um beijo para a Isabel.

## Memória da inundação

[para Isabel Castanheira]

João Paulo Cotrim

posso neste instante e por agora  
floresta de lágrimas  
na sala quase vermelha que espreito:

os títulos dispersos  
não tentarão mais matar a sede  
esta sede de sebes  
quedos que nem muros  
de capa dura amolecedo  
folha caduca fora de época

nada agora aqui

não oíço gemer o verbo a capitular  
a mão desenhando a leitura que discorre  
apesar do chão esvoaçando no líquido  
das humidades desfazendo possibilidades  
afogando-se no pesado jardim de páginas  
desejando forçar passagem  
para o mundo para as coisas  
que acolhem abertas libertinas coxas

nada agora aqui ainda assim

escorrendo musgo  
com extrema lentidão

## [Quem gosta de livros assim...]

António Cabrita

Quem gosta de livros assim devia ser condicionado  
a dez quilómetros quadrados de território, entre o voo do  
falcão

e a edição de bolso esquecida atrás do castanheiro onde dois  
adolescentes

namoraram pela primeira vez, antes do pastor os ter espantado.  
Quem assim gosta de livros devia ser deportado  
(os leitores não têm países) para a costa oeste da Escócia:  
o litoral e o sertão de uma típica aldeia escocesa.  
Os anos suficientes para ter de pertencer a um gangue  
e ter aí a sua introdução à política, a iniciação  
a ficar calado. Quem levou anos a subir a um pequeno escadote  
para chegar às prateleiras de cima, sem sinal de vertigens,  
almeja o quê, merece o quê? Perdão, nem em esperanto!  
Se queria um ritmo mais rápido, que corra com as lebres!  
Acho eu, que trato de seguros para calamidades e paixões!

## RÉVEILLON à La Carte.

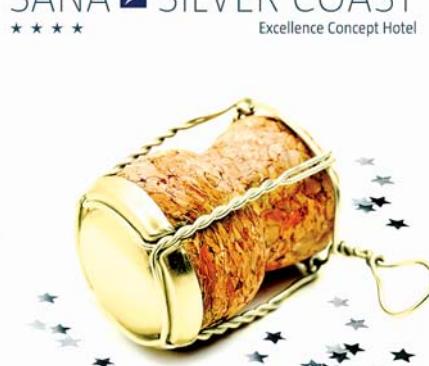
O cenário é perfeito para o seu Réveillon. Um ambiente clássico, inspirado pela história e pelo glamour dos anos 20.

Festa de Réveillon temática “Anos 20”:

Jantar  
Céia  
Música ao vivo  
Bebidas seleção SANA Hotels

Jantar de gala com ceia **€160** por pessoa

SANA SILVER COAST  
Excellence Concept Hotel



RESERVE JÁ: Tel: +351 262 000 600  
sanasilvercoast@sahanhotels.com | www.silvercoast.sahanhotels.com

SANA HOTELS  
What's your concept?

ana saramago  
cabeleireiros

Boas Festas  
mais que cabelos  
tocamos corações

REDKEN  
5TH AVENUE NYC

cabeleireiro  
estética  
telf 262 835 758 / 917 309 226  
rua da cutileira, 3  
caldas da rainha  
anasaramagocabeleireiros@gmail.com